

Organizou o povo e resgata a história

Em Ceilândia, poucas pessoas conhecem Maria Aparecida Vieira, 34 anos, moradora do conjunto H da QNM 18 (Ceilândia Sul). Mas quase todo mundo já ouviu falar de *Plis*, apelido que identifica Aparecida desde criança. “Uma amiga de escola, aqui de Ceilândia, me colocou esse apelido. Não sei por quê, mas pegou”, explica a historiadora e arquivista.

Aparecida chegou à cidade com 10 anos, quando Ceilândia já completara 3 anos de vida. A família (pai, mãe e três filhos) morou de aluguel em várias cidades do DF até comprar a casa no conjunto H — rua destinada aos beneficiados da antiga SHIS, hoje Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab).

“Cheguei quando a cidade começava a melhorar. Mas ainda não tinha água e luz. Havia muita poeira e as casas tinham muros bem baixos”, relembra. Aparecida também teve uma infância feliz. Infância de criança que pega madeira da construção do vizinho para fazer fogueira à noite e morre de rir ao ver o pai chegar cheio de lama em casa porque caiu num buraco de erosão. “Hoje sei que se o buraco fosse fundo ele teria morrido. Mas na época só conseguíamos rir”.

Como Eurípedes Camargo, ela também garante que a união dos vi-

zinhos e a organização comunitária conseguiram levar a cidade à frente. “Nossa mobilização popular foi mais forte do que em qualquer cidade do DF. Se não fosse assim, Ceilândia nem teria virado cidade”, avalia. Plis também se envolveu nessa guerra. É formadora do Centro de Educação Paulo Freire, participou da Ação Cristã Pró-Gente, foi membro de grupo jovem e era do Centro de Cultura e Formação da Ceilândia — espécie de ONG constituída por jovens católicos em 1980.

MOBILIZAÇÃO

“A idéia era discutir política e problemas sociais e resgatar a história dos pioneiros. Começamos a promover semanas de mobilização popular”, relata. Nessas semanas, o grupo discutia, entre outras coisas, a criação de uma universidade em Ceilândia (idéia que não vingou até hoje) e a questão do alto índice de desemprego na cidade. Conseguiu resolver pelo menos uma questão: baixaram os preços das passagens de ônibus para Ceilândia. “Também conseguimos melhorar a auto-estima dos moradores e promover um resgate da cidadania do ceilandense. Eles ouviam tanto falar que aqui só tinha bandido, que acabaram acreditando. Acho que conseguimos mudar

isso na cidade”, destaca.

O Centro de Cultura acabou entre 1992 e 1993, por falta de verbas. Organizações não-governamentais do país e do exterior que contribuíam com o trabalho em Ceilândia suspenderam as verbas. O Centro fechou. Mas Plis nunca mais foi a mesma. Ela determinou seu futuro a partir do trabalho comunitário. Resolveu fazer o curso de História, no Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub), numa tentativa de não deixar a memória dos pioneiros se perder. Pelo mesmo motivo, apostou numa segunda faculdade — Arquivologia, na Universidade de Brasília (UnB). Formada, pretende organizar a memória da cidade.

“Todos os antigos membros do Centro de Cultura e Formação têm juntado material. A idéia é montar um arquivo público e histórico para a comunidade e as crianças conhecerem as raízes da cidade, de onde viemos e como formamos a Ceilândia”, detalha. Hoje, Plis e seus companheiros — fotógrafos, arquivistas e historiadores — já reúnem um acervo de fotos, documentos, vídeos e *slides* sobre a criação e desenvolvimento da cidade. Faltam apoio e verbas para concretizarem o sonho. Mas vontade de torná-lo realidade a pioneira tem de sobra. (AHP)

Anderson Schneider



RESGATE

Maria Aparecida participou de muitas lutas reivindicatórias dos ceilandenses e hoje pesquisa, junto com outras pessoas, para montar um acervo de textos e imagens que conte a história da cidade